



O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DE PASSO FUNDO-RS: ESCASSEZ E DESCONTINUIDADE

Juan José Mascaró

Universidade de Passo Fundo - UPF
Email: arquijuanjose@yahoo.com.br

Daniella do Amaral Mello Bonatto

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Email: daniella.bonatto@ufes.br



O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES DE PASSO FUNDO-RS: ESCASSEZ E DESCONTINUIDADE

Juan José Mascaró; Universidade de Passo Fundo-UPF; arquijuanjose@yahoo.com.br
Daniella do Amaral Mello Bonatto; Univ. Federal do ES-UFES; daniella.bonatto@ufes.br

Palavras-chave: espaços livres; regeneração urbana; planejamento urbano; infraestrutura verde; Passo Fundo.

RESUMO

Este trabalho está relacionado à pesquisa mais ampla realizada pelo grupo de pesquisa Infraestrutura Urbana, que envolve a Universidade de Passo Fundo, a Universidade de Cruz Alta e a Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa original realizou o estudo de espaços livres nas cidades de Passo Fundo-RS e Cruz Alta-RS, com vistas a propor recomendações para a integração de alguns desses espaços através da infraestrutura verde. Este trabalho aborda apenas o levantamento de Passo Fundo. A metodologia de pesquisa envolveu análise documental e levantamento de campo dos espaços públicos abertos – vias, praças e parque - observando massas vegetadas e construídas, arborização de rua, conflitos da arborização viária com outras redes de infraestrutura, fluxo de pedestres e de veículos. Observou-se a escassez de espaços públicos e áreas verdes, bem como a inexistência de critério técnico de implantação da vegetação, variação nas dimensões das calçadas e vegetação em conflito com edificações e redes de infraestrutura urbana, destacando-se a desqualificação urbana, notadamente sob o ponto de vista da arborização. Apesar de tal contexto ser recorrente em nossas cidades, a pesquisa permitiu observar potencialidades e tecer recomendações para a implementação da infraestrutura verde como estratégia de planejamento, conectividade e regeneração dos espaços livres, dos quais dependem as diversas ambiências urbanas e a manutenção das práticas sociais, na interação homem-ambiente-cultura.



OPEN SPACES SYSTEM AT PASSO FUNDO, BRAZIL: SHORTAGE AND DISCONTINUANCE

Key-words: *open spaces; urban regeneration; urban planning; green infrastructure; Passo Fundo.*

ABSTRACT

This work is related to a broader survey by research group called Urban Infrastructure, which involves researchers from the University of Passo Fundo, University of Cruz Alta and the Federal University of Espírito Santo. The original research conducted the study of open spaces in the cities of Passo Fundo-RS and Cruz Alta-RS, looking for strategies and recommendations for the integration of these spaces through green infrastructure. This paper discusses Passo Fundo. The research methodology involved document analysis and survey of open public spaces - streets, squares and park - watching vegetated and built masses, afforestation, conflicts with other infrastructures, flow of pedestrians and vehicles. There was a shortage of public spaces and green areas, as well as the lack of technical criteria for vegetation deployment, different sidewalk dimensions, vegetation in conflict with buildings and urban infrastructure networks, urban disqualification, notably regarding the afforestation. In despite of this context, very common in our cities, the research allowed to observe potential and make recommendations for the implementation of green infrastructure as a planning strategy, a way to bring connectivity and regeneration of the open spaces, which depend on urban ambience and the maintenance of social practices in human-environment-culture interaction.



INTRODUÇÃO

“A praça é do povo! Como o céu é do condor.
É o antro onde a liberdade cria águias em seu calor”.
(Castro Alves)

Desde a antiguidade os espaços livres, notadamente as praças, têm sido importantes elementos estruturadores da forma urbana, criando o sistema que lhe dá suporte e vitalidade. Lamas (1990, p. 102) divide os espaços livres em duas categorias: “ruas e avenidas” - destinadas à circulação e “praças e parques” - projetados para a permanência. Ele define praça como o “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes”. O autor observa, ainda, que a definição de praça implica a “estreita relação do vazio (espaços de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas”, que definem os limites das praças e qualificam seu entorno imediato.

Conforme apontou Jane Jacobs, os espaços abertos, a rua, a praça, são o local de encontro por excelência, dos quais depende a manutenção das relações na cidade e da sociedade, sobretudo no momento em que 80% de população brasileira vive em área urbana.

Entretanto, a despeito de sua importância como elemento estruturador, a praça e os espaços livres de modo geral, perderam lugar para os espaços edificados. Os processos intensivos de urbanização vivenciados desde meados do século XX levaram à redução de áreas livres, descaracterização dos espaços públicos, adensamento desproporcional à calha viária, diminuição de áreas vegetadas, impermeabilização do solo, criação de ilhas de calor, desmoronamentos e enchentes – configurando situação de perda de qualidade do ambiente construído.

No que diz respeito a esse processo, Passo Fundo não é diferente dos outros contextos urbanos. Seu crescimento se deu sem que o planejamento mantivesse a adequada porcentagem de espaços livres, tendo seus espaços naturais subtraídos para a implantação de novos bairros ou expansão de outros. Mesmo os novos espaços livres projetados não acompanharam a expansão da cidade, sendo insuficientes para os novos bairros. Observa-se na cidade que os espaços livres são preponderantemente formados por ruas e avenidas e os espaços de permanência,



escassos, mal distribuídos e mal conectados. A seguir apresenta-se o caso de Passo Fundo como ilustração dos aspectos mencionados.

1 A EVOLUÇÃO URBANA DE PASSO FUNDO

O município de Passo Fundo está localizado no Noroeste do Rio Grande do Sul, em região de planalto (687 m de altitude), com clima subtropical úmido e temperatura média de 17,5 °C. Porém, a variação térmica ao longo do dia é em torno de 10 a 12 °C. No verão chega a 31 °C e no inverno, é comum baixar a 2 °C de madrugada. Sua população é de 184.869 habitantes e área de 783 km² (IBGE, Censo 2010).

A economia do município de Passo Fundo, por longo período, foi caracterizada por pequenas propriedades agrícolas, apresentando nos últimos anos transformação na estrutura produtiva, com amplo desenvolvimento urbano baseado na agricultura, indústria, comércio e serviços. Destaca-se nas áreas de saúde, educação, empresas de pesquisa na área agrícola, agronegócios e eventos culturais (Festival Internacional do Folclore e Jornada Nacional de Literatura, que ocorrem a cada dois anos), tendo sido decretada em 2006 como Capital Nacional da Literatura. O setor terciário da cidade se destaca pela presença de shopping, com abrangência de 60 municípios (800 mil habitantes), pelo serviço de saúde, com hospital que atende aos municípios da região e pela educação de nível superior, que atende a 25 mil estudantes universitários. Segundo o estudo REGIC-Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2008), são os serviços de saúde e educação os grandes responsáveis pelo alto nível de centralidade atribuído à cidade de Passo Fundo.

1.1 O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NA EVOLUÇÃO E ESTRUTURAÇÃO URBANA DE PASSO FUNDO

A cidade de Passo Fundo surgiu em 1827 como agrupamento de passagem e parada de tropeiros, passando à condição de município em 1857. O segundo período marcante na sua estruturação urbana ocorreu a partir da implantação da ferrovia, ligando Passo Fundo a São Paulo, em 1898 e se estendeu até metade do século XX, marcando eixo de expansão urbana, formando o centro nas imediações da estação férrea e os primeiros bairros do entorno. O terceiro momento ocorreu a partir de 1950, com a expansão horizontal por loteamentos periféricos e, a partir de 1970, com a indução da verticalização do centro da



cidade e novo zoneamento com forte apelo do uso comercial e misto (FERRETO, 2012, p.60).

A evolução populacional da cidade inicia com 7.586 habitantes em 1857, 21.374 em 1900, e 65.000 em 1920 (com 90% de sua população na área rural). Em 1940 tinha 80.138 habitantes, 25% em área urbana. Nos anos 60 ocorre a inversão da população urbana e rural, o total de 93.179, com 54% na área urbana, o que não significou a diminuição da atividade agrícola, mas a melhoria no modo de produção. Nos anos 60 chegou aos 93.850 habitantes (75,5% na área urbana), nos anos 80 alcançou 121.156 (87,1% em área urbana), chegando aos 184.869 habitantes em 2010, com 97% vivendo em área urbana (FERRETO, 2012, p.32).

No que tange à estrutura morfológica da cidade, a vila iniciou seu povoamento em pequena extensão no alinhamento do caminho por onde passavam os tropeiros, em área relativamente plana e próxima a um curso d'água. Esta via passou a ser chamada de Rua do Comércio e estruturou toda a expansão da cidade, passando a se chamar Av. Brasil em 1913 (Figura 1).

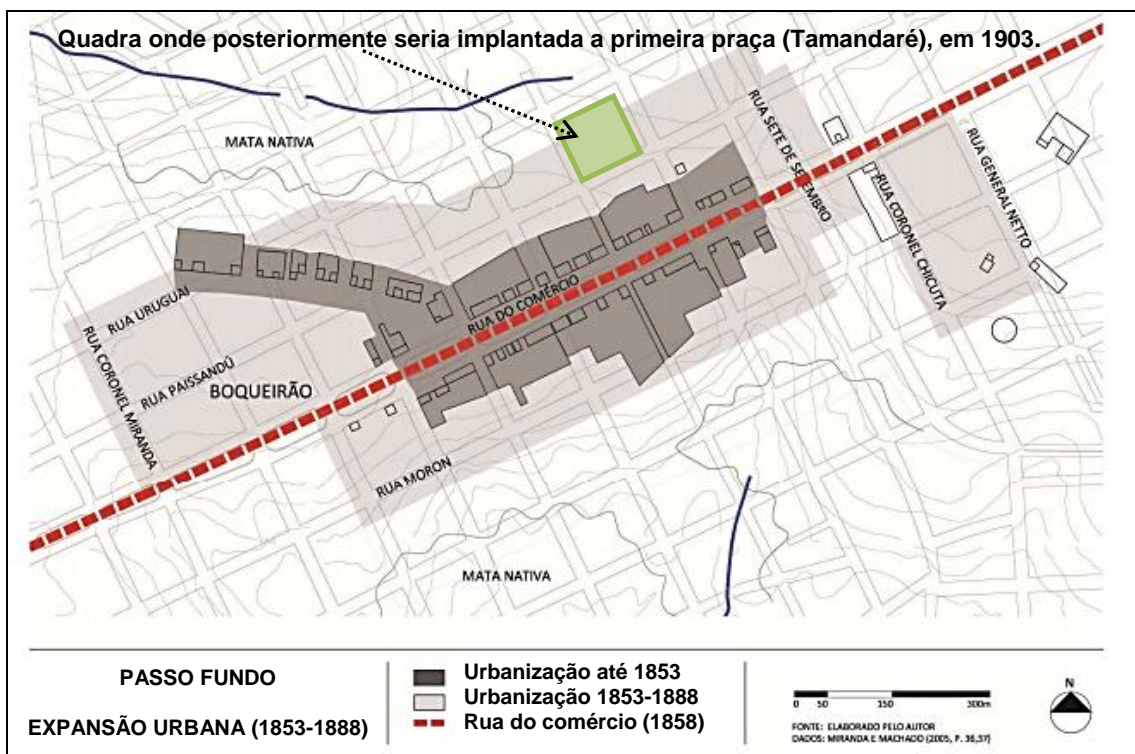


Figura 1 - Planta de Passo Fundo com a sobreposição do povoado inicial. Fonte: FERRETO, 2012, p.63, com inclusão de destaque nosso para a Praça Tamandaré.



Em 1907, a cidade apresentava quatro praças: ao norte a Praça Tamandaré (1906), a mais antiga da cidade, em frente à antiga Igreja Matriz (1893); à leste a Praça Marechal Floriano (1913), atualmente a principal, localizada em frente à Catedral; ao sul a extinta Praça Marechal Deodoro e a oeste, a também extinta Praça da Boa Vista (década de 1880), estas últimas ocupadas por escolas particulares (OLIVEIRA, 2007, p.91).

Em 1918 e mais de 60.000 habitantes, possuía seis praças (Figura 2). Além das citadas, foi criada a Praça do Hospital de Caridade (1914), atual Praça Antonio Xavier; Praça da República, atual Praça Tochetto e a Praça Brasil (atual Praça Capitão Jovino, localizada na Vila Rodrigues).

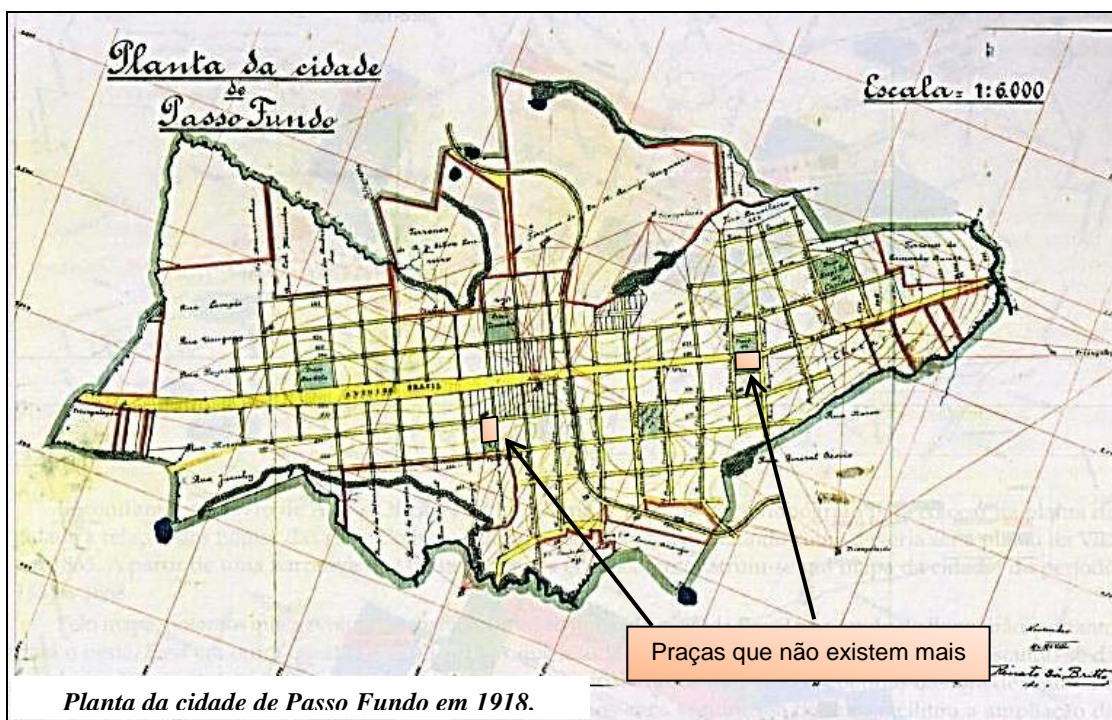


Figura 2 – Planta de Passo Fundo e seu sistema de espaços livres: vias em amarelo e praças em verde - 1918. Fonte: acervo do Projeto Passo Fundo.

A planta de 1918 foi utilizada como base para o projeto de Saturnino de Brito, de 1919, constituindo o primeiro plano da cidade (Figura 3), de acordo com o pensamento técnico da época, tendo como objetivo principal o saneamento (lançamento da infraestrutura sanitária e estação de tratamento, abastecimento de água), embelezamento e expansão, observando-se a proposição de novas áreas verdes (em preto). Entretanto, o plano não foi implementado e a ocupação urbana avançou em direção ao Rio Passo Fundo, suprimindo área natural em suas margens, o que teria sido prevenido conforme o plano propunha.

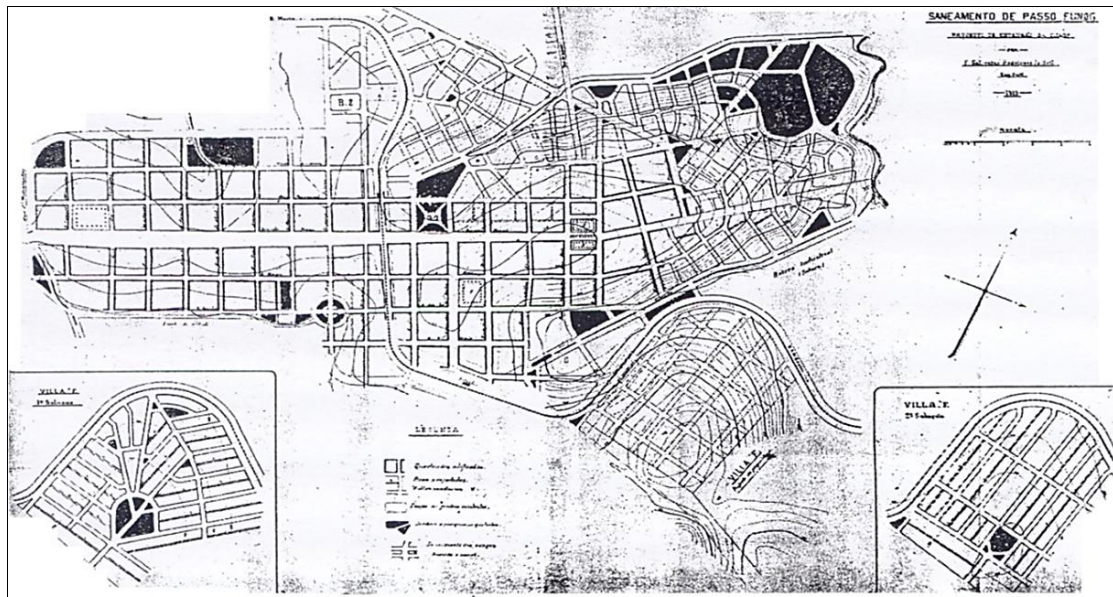


Figura 3 – Plano de Saturnino de Brito para Passo Fundo - 1919. Fonte: GOSH, 2000.

Em 1929 (Figura 4) nota-se que a cidade já possuía as principais praças de hoje: Tamandaré, Marechal Floriano, Ernesto Tochetto, Antonio Xavier de Oliveira e Capitão Jovino. Ainda na figura 4 vê-se em destaque a Av. Brasil (mais larga, com seus canteiros centrais) e a Av. Presidente Vargas, na diagonal, também mais larga. Observa-se bem marcado o Rio Passo Fundo e grande quantidade de arroios, com suas margens ainda preservadas de ocupação urbana.

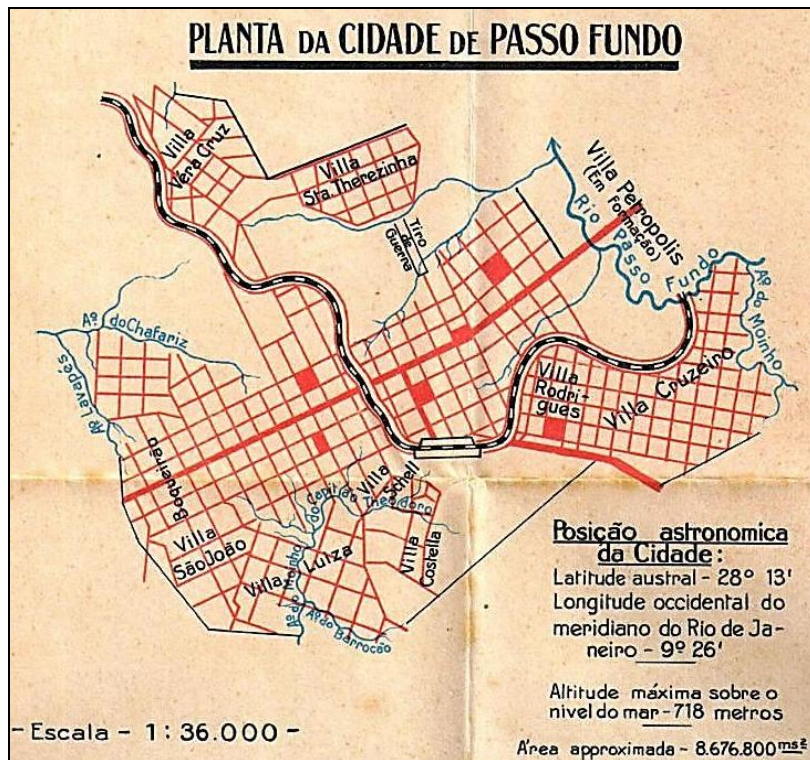


Figura 4 – Planta de Passo Fundo e espaços livres em vermelho - 1929. Fonte: Projeto Passo Fundo.



A partir da década de 20 o contínuo parcelamento do solo foi ampliando a área urbana, fazendo surgir novos bairros. Os novos loteadores, de acordo com a legislação vigente no momento do loteamento, destinaram áreas para praças, de costume designadas com “área verde”, terreno público escriturado e matriculado em nome da Municipalidade. Cabe destacar que a antiga Rua do Comércio, atual Av. Brasil, mantém sua grande largura e canteiro central, sendo utilizada como área de lazer até hoje, sobretudo em função de sua centralidade e da escassez de praças. A Figura 5 mostra esses canteiros centrais em 1939.



Figura 5 – Vista da Av. Brasil, Passo Fundo/RS, com seus canteiros centrais. Fonte: acervo do Projeto Passo Fundo. Data da foto: 1939.

Em 1953 foi elaborado o primeiro Plano Diretor de Passo Fundo (Figura 6), e sancionado em 1957, propondo a implantação de grandes equipamentos urbanos – centro cívico, estádio e mercado municipal. O plano apresenta boa análise da cidade e diversos mapas temáticos. Entretanto, não teve impacto espacial sobre a cidade, constituindo registro histórico (FERRETO, 2012, p. 68).

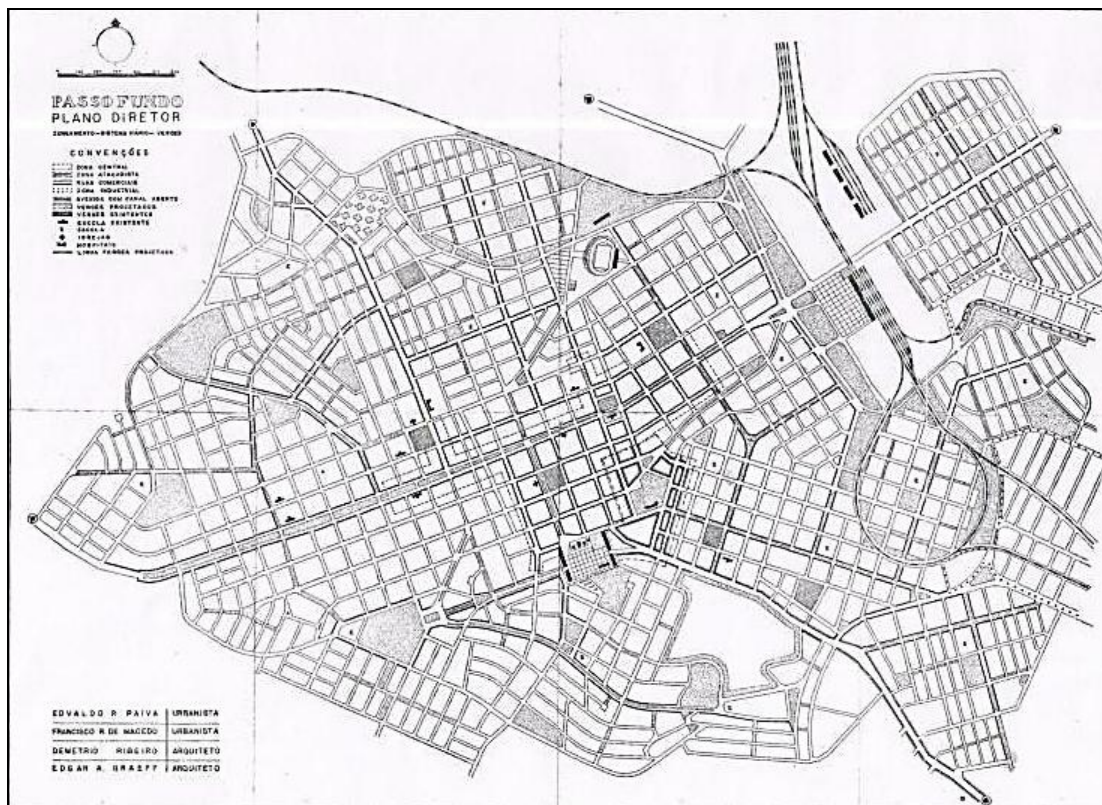


Figura 6 – Plano Diretor de Passo Fundo. Fonte: acervo do Projeto Passo Fundo. Data: 1953.

Na época do 1º Centenário do Município, 1957, a cidade contava oficialmente com 18 praças (Projeto Passo Fundo, acesso em 08/06/2014). Estudo realizado em 2007 mostrou incoerência na denominação de muitos largos como se fossem praças e que em 2007, possuía somente dez praças, a maioria instalada no centro e remanescente da antiga formação urbana, demonstrando grande disparidade no índice de áreas verdes por habitante em função da localização (Figura 7).

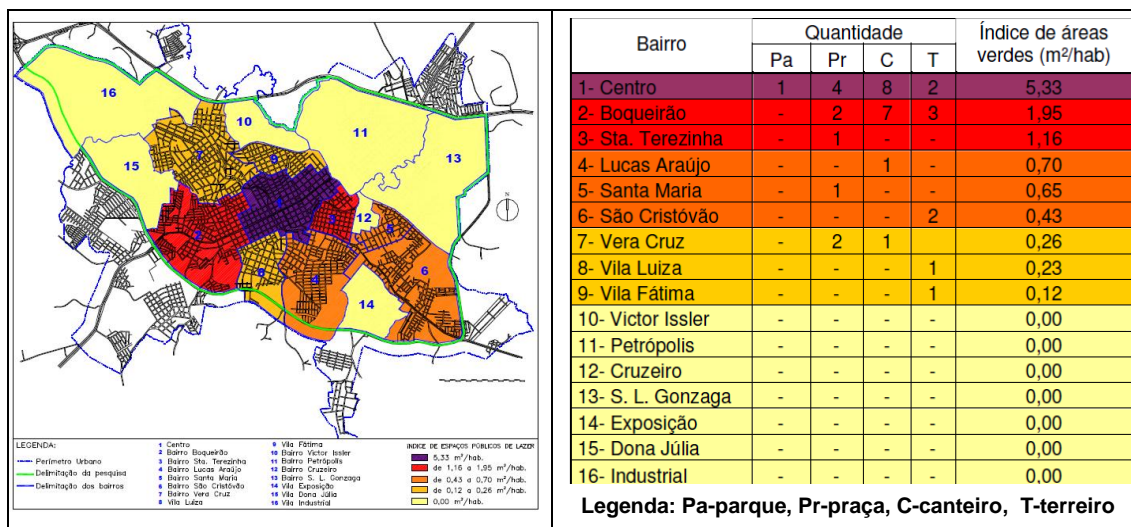


Figura 7 – Índice de áreas verdes (m²/hab) por bairro. Fonte: Oliveira, 2007, p.86.



Verifica-se que a transformação nas últimas décadas fez com que as estruturas existentes da área central e das áreas intermediárias se modificassem seguindo suas novas funções, com predomínio de comércio e serviços, sem, entretanto, perder sua importância em termos de moradia. Por tal motivo a área central não tem sofrido o processo de abandono e degradação verificado em muitas cidades. Ao contrário, constitui ainda a área mais dinâmica da cidade, com vitalidade diurna e noturna. Novos eixos de crescimento urbano foram estabelecidos, com pequenas centralidades. Porém como ainda há forte dependência da região central, notadamente ocupada por população de renda mais alta, melhor atendida por comércio e serviços, assim como por equipamentos culturais, de educação, saúde, lazer noturno e espaços livres e lazer - praças e único parque da cidade – Parque da Gare, área da antiga estação de trem, na Av. Sete de Setembro, onde há a Feira do Produtor, ocorrem desfiles militares e paradas em datas comemorativas, além do Festival Internacional do Folclore.

Atualmente observa-se que os espaços livres da cidade são formados predominantemente por suas ruas e avenidas. A cidade perdeu praças ao longo de sua história e a expansão urbana não implantou quantidade suficiente de novas praças, nem mesmo de arborização urbana, apresentando poucas massas vegetadas e ruas mal sombreadas. A cidade possui Plano de Arborização Urbana mas tem aplicação limitada e, de modo geral, a cidade é muito pouco arborizada, tendo impacto bastante negativo sobre o clima urbano, sobretudo nos dias quentes, já que a variação térmica é da ordem de 10 a 15 °C num mesmo dia. As áreas verdes, praças e parques são escassos e desconectados. Ademais, há forte concentração das praças nas áreas centrais, onde o padrão de renda é alto, em detrimento das áreas periféricas e de menor padrão de renda, mostrando espaços livres públicos não apenas desconectados como também mal distribuídos. A arborização viária é escassa de forma geral e também mais rarefeita e mesmo inexistente em diversas ruas das áreas e bairros mais periféricos.

Constata-se a necessidade de complementar a estrutura fortemente centralizada através da integração e promoção do desenvolvimento das áreas periféricas, ligando os diferentes centros locais com equipamentos, áreas de lazer, parques e praças que consolidem sistema complementar à atual rede viária principal e permitam a conexão dos fragmentos urbanos e espaços livres.



A pesquisa que este trabalho aborda fez levantamento na área central da cidade, visando à verificação das condições dos espaços livres e a proposição de recomendações para sua requalificação. O levantamento físico é exposto a seguir.

2 ESPAÇOS LIVRES NA ÁREA CENTRAL DE PASSO FUNDO

O trabalho de campo fez recorte na área central de Passo Fundo e envolveu o levantamento dos espaços públicos abertos (as praças e o parque), e as ruas que os ligam, sob os seguintes aspectos: uso e ocupação do solo; tipologias; perfil viário; presença de massas vegetadas; arborização viária com identificação da quantidade, porte e espécies da vegetação; mobiliário urbano; verificação de incompatibilidades entre as infraestruturas e a arborização.

Os trechos estudados estão inseridos em malha urbana fortemente consolidada, de área central, mas ainda com possibilidade de adensamento. A leitura geral indica que: o construído domina amplamente sobre o vazio; a massa construída é, em geral, densa, mas persistem edifícios unifamiliares e outros multifamiliares mais antigos, com baixo gabarito; o acesso às áreas públicas é fácil, providas de transporte público; as vias de acesso às praças e parques possuem fluxo intenso de automóveis e de pedestres. O “trecho um” é uma via paralela à avenida principal da cidade (Av. Brasil), possui mão única e maior velocidade que o “trecho dois”, com menor quantidade de pedestres, topografia acentuada e escassa arborização viária. O “trecho dois” possui mão dupla com canteiro central, menor fluxo de veículos e mais lento que o primeiro. É mais arborizado e distingue-se por se tratar de percurso menor e com maior centralidade. Apresenta topografia mais plana, maior quantidade de veículos e pedestres que no outro trecho.

À noite a cor dominante é da iluminação pública seguida pontualmente por cartazes de propaganda comercial. Durante o dia dominam as atividades comerciais, com maior afluência de público, destacado pelo congestionamento de veículos e a saturação das áreas de estacionamento. Nos finais de semana há menor movimento nas praças e pouco maior no Parque, que é subutilizado, por problemas com sua infraestrutura interna.

Em síntese, a área pesquisada possui relevância por diversos motivos: compreende a área central, onde há grande dinâmica urbana, diurna e noturna, envolvendo igrejas e hospitais e aglutinando grande quantidade de usuários ao longo do dia; compreende área relevante para a morfologia urbana da cidade, pois envolve o primeiro traçado do



povoado, consolidado posteriormente; engloba três das mais antigas praças da cidade e o único parque em área urbana, implantado posteriormente; os espaços escolhidos são próximos, estando dispostos em um raio inferior a 1.500 m - “trecho um” possui 1500 m e “trecho dois” possui 600 m, do Parque da Gare até à conexão com o “trecho um” (Figura 8). O primeiro trecho (em vermelho) corresponde à parte da Rua Paissandu, liga a Praça Tamandaré à Praça Antonio Xavier, já observadas no mapa de 1918. O segundo (em amarelo) corresponde à parte da Rua General Netto, do cruzamento com a Paissandu, ligando a Praça Marechal Floriano (em frente à Catedral, também constante no mapa de 1918) à antiga estação ferroviária e ao Parque da Gare, na Avenida Sete de Setembro.



Figura 8 - Localização das praças e vias pesquisadas - Passo Fundo. Legenda: em vermelho o Trecho 1 (Oeste-Leste); em amarelo o Trecho 2 (Norte-Sul).

Ambos os trechos eleitos para o estudo são representativos do bairro, constituem referência histórica e simbólica e se apresentam bastante consolidados: todos os lotes já edificados, alta densidade demográfica, presença de uso misto (comercial e



residencial) e diferentes situações de vegetação urbana. Em linhas gerais, apesar de serem próximos, os trechos um e dois são bastante distintos, do ponto de vista da presença de arborização, dos tipos predominantes de fluxo e da velocidade.

O levantamento, observação e registro dos trechos escolhidos para o estudo permitiu conhecer suas características geométricas assim como seus subsistemas existentes. A fim de fazer a análise mais detalhada faremos a exposição somente do primeiro trecho.

2.1 TRECHO UM – LIGAÇÃO ENTRE AS PRAÇAS

O primeiro trecho é constituído por 12 quadras, distribuídas em percurso com acentuada topografia entre a primeira e a décima segunda quadra (Figura 9). Este trecho apresenta bastante diversidade tipológica e edifícios com gabarito entre um e vinte pavimentos. As edificações, em sua maioria, não têm recuo do passeio público e o perfil edilício varia bastante dentro da mesma quadra. Os usos variam entre uso apenas residencial (também com alturas variadas), uso estritamente comercial e lotes com uso misto, além de usos institucionais como escolas, hospitais e igrejas.

A arborização existente é variada e mal distribuída, sendo que, na maioria das quadras analisadas, não existe vegetação alguma. As espécies existentes são diversas (nativas e exóticas), com diferentes portes e densidades, porém, com predominância de pequeno porte e copa rala, o que somado à pequena quantidade torna-se insuficiente para promover sombreamento e conformar microclima mais ameno e passeios agradáveis entre as praças. Cabe salientar que a variação térmica na cidade gira em torno de 15 graus centígrados. Somente nas praças se encontra massa vegetal significativa.

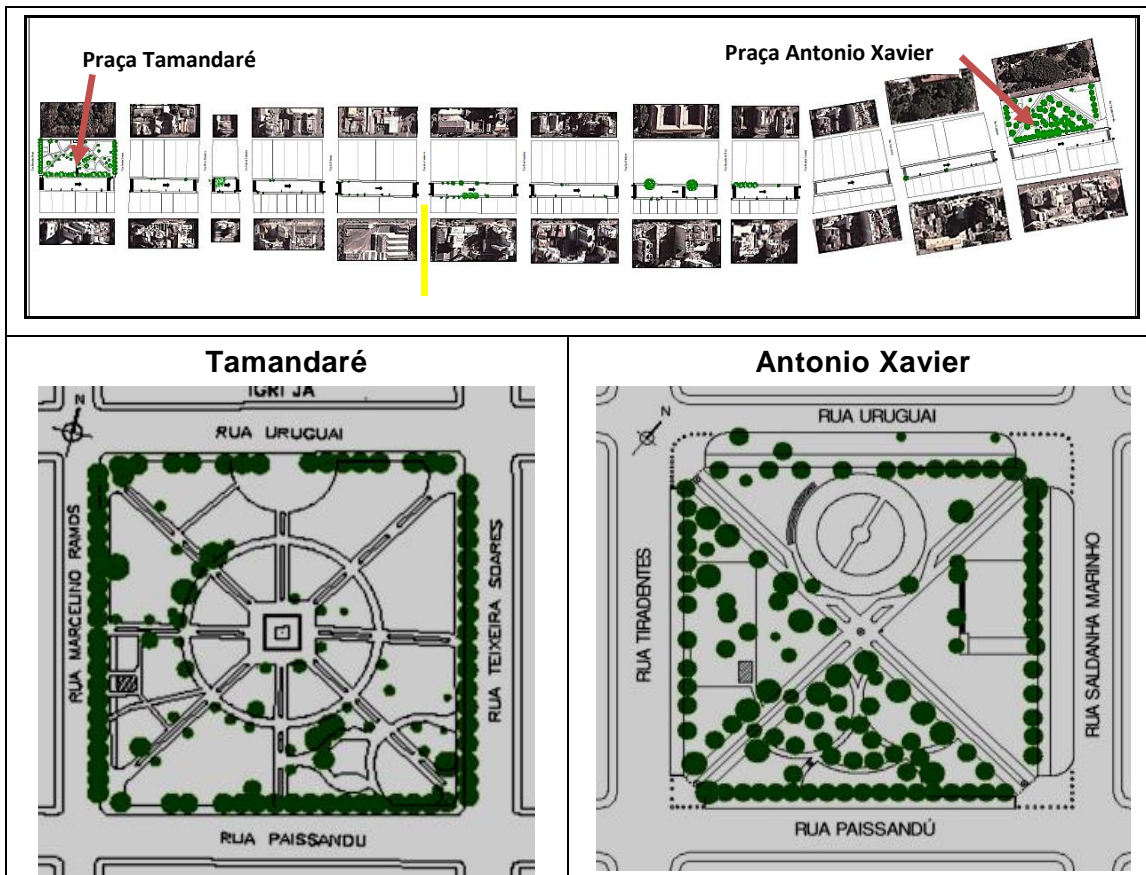


Figura 9 – Levantamento do Trecho 1 (sentido Leste-Oeste): Rua Paissandu.

2.2 AS PRAÇAS

A Praça Tamandaré (Figura 10, ao alto) é a mais antiga da cidade, de 1906, localizada em frente à antiga Igreja Matriz, de 1893, atual Igreja de Na. Sra. da Conceição, padroeira da cidade. Possui área aproximada de 12.000 m², topografia quase plana e forma quadrada, correspondendo ao traçado em malha xadrez, característico da ocupação mais antiga da cidade. A região se destaca pela concentração de serviços médico-hospitalares, comércio varejista e serviços diversos, além de estar na proximidade de duas faculdades, um museu de artes, o antigo teatro da cidade, além do shopping center da cidade.

A Praça Tamandaré é local de extrema importância para a cidade e entorno próximo. Revela-se como espaço acolhedor pela presença da vegetação e parquinho infantil, muito utilizado pela população do entorno, sobretudo no final de tarde. Durante o dia há grande quantidade de usuários do Hospital São Vicente, que usam a praça como local de espera. Há predomínio da canteiros sobre a pavimentação com lajotas no passeio do contorno e blocos de concreto no interior.



O projeto participativo realizado em 2007 com professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Passo Fundo e Associação de Moradores, com apoio da Prefeitura, propôs a reforma da praça, mantendo seu traçado original, mas implantando piso podotátil em toda sua volta e incluindo canteiros floridos, demandados pela população. A praça combina áreas pavimentadas com blocos sextavados de concreto e áreas gramadas, tendo boa permeabilidade. A vegetação predominante é de plátanos, árvores caducifólias, que permitem a passagem do sol no inverno. É muito comum a população levar cadeiras de praia à praça para sentar ao sol, garrafas térmicas e cuias para tomarem seu chimarrão. Ressalta-se que o inverno na cidade é bastante rigoroso e esses espaços ensolarados são necessários e muito requisitados. A iluminação artificial na Praça Tamandaré é antiga, os típicos globos difusores leitosos estão distribuídos uniformemente sem destacar nenhum espaço em especial.

A Praça Antonio Xavier (Figura 10, abaixo) ou Praça do Hospital da Cidade (antiga Praça do Hospital de Caridade), de 1912, é a maior da cidade (16.000 m²). Sua topografia possui acive de 10 m na direção norte, resolvido através de platôs, caminhos inclinados e escadas. Sua forma quadrada, assim como na Tamandaré, é originária da malha xadrez decorrente da estruturação da cidade. O entorno é tranquilo e predominantemente residencial, com densidade menor que o entorno da Tamandaré e com pouco comércio e serviços no seu entorno imediato, destacando-se o Hospital da Cidade, que toma a quadra em frente, um clube centenário e a Igreja do Sagrado Coração.

Em termos de uso pode-se identificar setores distintos: áreas de descanso com bancos; pista para caminhada ou bicicleta, área onde é possível jogar bola, parquinho, quadra de areia e uma mini biblioteca pública (Quiosque da Literatura), um banheiro público e uma pequena edificação que é sede de grupo escoteiro. Do ponto de vista da pavimentação a praça é de tipo misto, combinando áreas asfaltadas e áreas gramadas. Apresenta vegetação variada e certa desordem visual, com predominância de zonas sombreadas ao sul. Circundando a praça a espécie predominante é o Ligustro, com folhas perenes, sendo inadequada para a região sul, com pouca expressão de cor, conformando um recinto sombreado e escuro. O interior da praça não possui espécie predominante. Não há projeto paisagístico, observando-se a predominância de gramados e ausência de ajardinamento e flores, tornando-a pouco atrativa esteticamente.



A área de descanso está localizada frente ao Hospital forma terraço retangular pavimentado à sombra das árvores. As áreas de futebol, jogos infantis, caminhadas ou ciclovias têm pouca sombra, sendo inadequadas no verão. Durante a semana o movimento é constante, mas concentrado em frente ao Hospital, pela área de descanso e pela presença de ponto de ônibus. Nos finais de semana o uso é mais de lazer e mais distribuído pelos demais setores. Assim como a Praça Tamandaré, a Antonio Xavier recebe muitas pessoas no final da tarde com suas cadeiras e cuias de chimarrão. À noite é local escuro e pouco utilizado. A observação ambiental verifica que, em ambas as praças, a insolação de inverno cria efeito assimétrico, com espaços diferenciados: leve predominância de áreas sombreadas em relação às ensolaradas, fazendo que as praças sejam mais agradáveis no verão. Criam-se, assim, características distintas no seu comportamento climático. A presença da vegetação permite que as praças sejam habitáveis durante a maior parte do ano já que o período frio é apenas de três meses.



Figura 10 – Plantas e vistas da Praça Tamandaré e Antonio Xavier - Passo Fundo/RS.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de campo permitiu verificar a escassez de espaços públicos e áreas verdes na cidade, a inexistência de critério técnico de implantação da vegetação, variação nas dimensões das calçadas, falta de acessibilidade e vegetação em conflito com edificações demais redes de infraestrutura - iluminação pública, calçadas e rua, drenagem - destacando-se a falta de qualidade urbana, notadamente sob o ponto de vista da arborização, observando-se a escassez de sombreamento no passeio público. Em suma, observou-se a pouca priorização do usuário, especialmente nas vias, nas quais não se verificou qualquer continuidade ou conexão com os espaços de praça e parque.

A despeito de tal contexto de degradação urbana – muito comum em nossas cidades – o estudo permitiu observar potencialidade para a implementação de soluções de infraestrutura verde como estratégia de planejamento urbano, conectividade e regeneração para o sistema de espaços livres. Embora não seja o foco deste trabalho, a pesquisa avançou no sentido de propor recomendações de soluções de infraestrutura verde para as duas cidades estudadas, objetivando a requalificação dos espaços livres levantados, com enfoque para as vias, enquanto conectoras da paisagem. Observou-se a possibilidade de usar algumas estratégias de infraestrutura verde como: substituição das espécies exóticas por nativas, adaptadas ao clima e com maior identidade local; recuperação das floreiras da calçada com implantação de árvores de porte médio; substituição das árvores que apresentam conflito com o calçamento por espécies com raiz e porte adequados para o local. Considerando a dificuldade de se implantar muitas árvores em algumas quadras dos trechos estudados, a solução recomendável para dar continuidade e formar corredores verdes é agregar a implantação cuidadosa de faixa verde na forma de canteiros gramados e floridos na faixa de serviço das calçadas, entre os postes de iluminação pública, assim como substituir trechos de asfalto nos estacionamentos por blocos de concregrama.

Por fim, conclui-se que é possível e necessário conectar os espaços livres e qualificá-los, conformando uma boa ambiência urbana - condição fundamental para o estímulo e manutenção das práticas sociais, na interação homem-ambiente-cultura.



REFERÊNCIAS

FERRETO, D. Passo Fundo: Estruturação urbana de uma cidade média gaúcha. (Dissertação). FAU/USP, 2012. 166 p, il. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-17072012-143123/>. Acesso em 08/06/2014.

GOSCH, L. R. M. Passo Fundo, de Saturnino de Brito ao Mercosul – Projetos e Imagens Urbanas. (Dissertação). Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2000.

IBGE. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201 p.

LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1990.

MASCARÓ, J. J.; BONATTO, D. A. M.; SOARES, I. *Infraestrutura verde: base de desenvolvimento sustentável para as cidades de médio porte - Relatório Final de Pesquisa*. 2013, 131 p.

MIRANDA, F. MACHADO, I. P. *Passo Fundo: presentes da memória*. Rio de Janeiro: MM Comunicações, 2005.

OLIVEIRA, L. A. *O papel da praça na cidade: questões ambientais, de uso e de percepção*. (Dissertação). Passo Fundo: UPF, 2007, 265 p., il.

Projeto Passo Fundo. http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&con_codigo=23196&tipo=texto